
ENSINO FUNDAMENTAL – 4º ANO – HISTÓRIA VOLUME ÚNICO

Apostila do 4º ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.





AULA 03

AS MISSÕES JESUÍTICAS E O PROCESSO DE CIVILIZAÇÃO NACIONAL BRASILEIRA

EXPEDIÇÕES AO BRASIL



a aula anterior estudamos sobre a chegada dos portugueses ao Brasil e percebemos que foi um encontro providente, ou seja, Deus preparou essa descoberta e guiou os portugueses à Terra de Santa Cruz. Dessa forma, a missão de Portugal aqui no Brasil era missionária. Nos dizeres de D. João III a Tomé de Sousa “a principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé católica” (HOORNAET, 1977, p.8), muito semelhante ao que Pero Vaz de Caminha havia escrito lá em 1500.

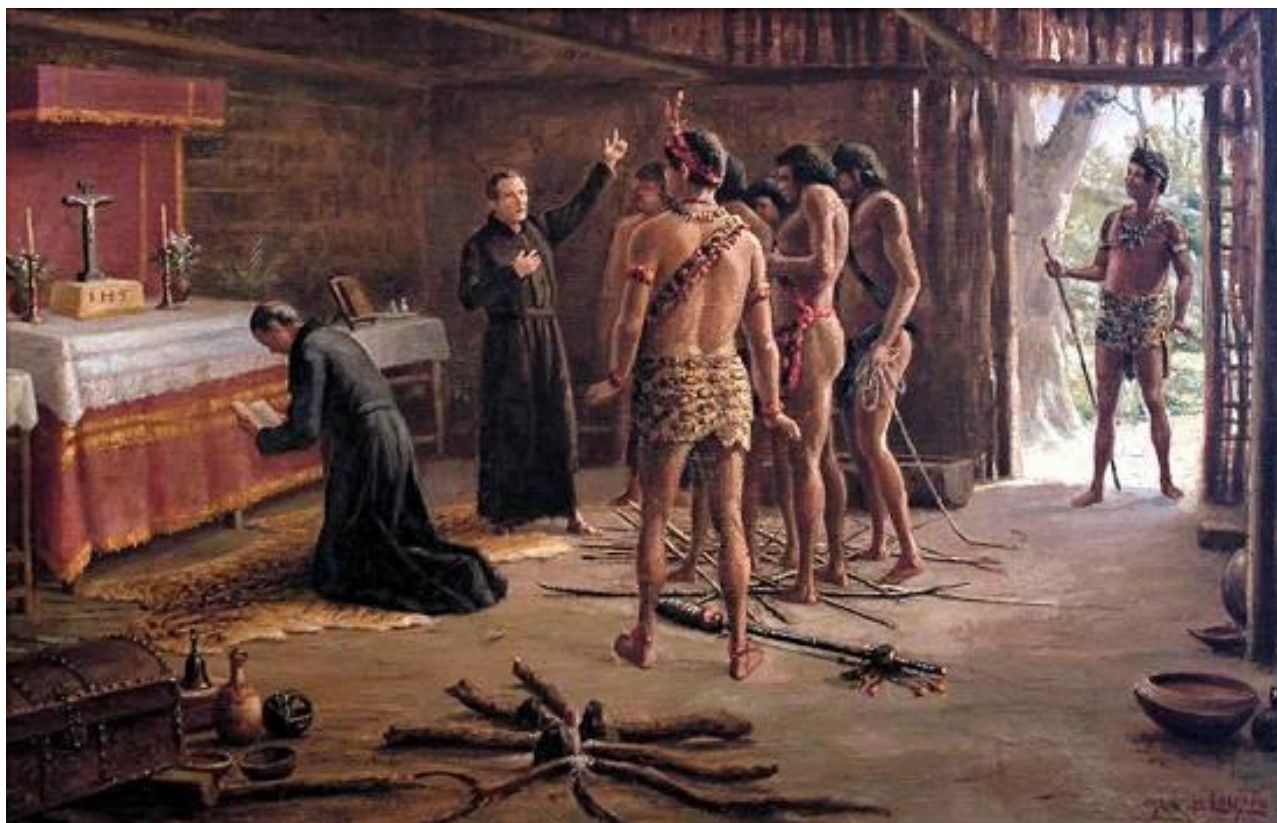
De 1500 a 1530 houve algumas expedições ao território, mas nada que firmasse realmente a presença portuguesa no território. Tivemos algumas presenças inimigas no território, como França e Espanha e, então, a partir da proximidade desses países, Portugal começa a mandar navegadores à Terra de Santa Cruz.

Essas expedições têm fim com a vinda do Governador-Geral Martim Afonso de Sousa, que inicialmente era capitão donatário da capitania de São Vicente e Rio de Janeiro. Em 1549, ele se torna o primeiro Governador-Geral e funda a primeira capital, Salvador.

JESUÍTAS NO BRASIL

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil, vieram na expedição de Martim Afonso de Sousa, primeiro Governador-Geral. Esses padres foram chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega e fundaram o primeiro colégio Jesuíta nesse período, na capitania de São Vicente.

A segunda leva de padres chegou em 1550; em 1552 o primeiro bispo; e em 1553, chegou o Padre José de Anchieta. Os padres se organizaram de modo a aprender os costumes indígenas para poderem cristianizá-los. O Padre José de Anchieta, por exemplo, escreveu a primeira gramática tupi-guarani.



“Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçú”, por Benedito Calixto (1927). Acervo do Museu do Ipiranga. A pregação de jesuítas como Anchieta e Nóbrega no Brasil foi uma inculturação recíproca entre a influência do cristianismo para as crenças e costumes dos nativos, utilizando elementos da cultura indígena como uma melhor forma de ensinar a doutrina cristã para eles.

Nesse período, e até o fim do chamado Segundo Reinado (que aprenderemos posteriormente), os padres Portugueses eram regidos pelo chamado Padroado. O padroado determinava que os padres portugueses eram funcionários do rei, conseqüentemente não eram subordinados diretamente ao Papa. Tudo o que era determinado pelo Papa precisava ser lido e autorizado pelo rei português.

Para conseguir catequizar os indígenas, os jesuítas perceberam que precisavam afastar os nativos da presença portuguesa para um “retiro”. Os indígenas e os padres ficavam nas chamadas reduções ou missões; nesses locais os nativos eram catequizados, trabalhavam, plantavam, praticavam o artesanato e protegiam as reduções.

No período inicial das reduções, existia um combate moral sobre se era certo ou não escravizar os indígenas. Os padres queriam proteger os indígenas e catequizá-los, já os colonos queriam escravizá-los. O ponto aqui é que os nativos protegiam as reduções tanto de colonos escravistas quanto de outros indígenas violentos.

As reduções possuíam um direito português chamado de direito de asilo; esse direito determinava que alguns lugares não deveriam sofrer interferência externa, apenas da Igreja. Entretanto, como já foi dito, esse direito não era respeitado, pois havia invasões de colonos nas reduções e os indígenas eram escravizados.



Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, 1595, de José de Anchieta. Foi a primeira obra publicada sobre a gramática da língua tupi.

PAPEL QUE OS JESUÍTAS EXERCERAM NA COLÔNIA

Os jesuítas foram extremamente importantes para a Colônia quanto à formação humana. Os padres ensinavam o valor do trabalho, do esforço, da dedicação e da oração. Essa missão de ensino era extremamente difícil, mas precisamos entender que os jesuítas receberam essa missão de Deus e Portugal aproveitou todo esse talento para salvação das almas dos índios.

Aqui temos mais uma prova de que Portugal era escolhida por Deus para a salvação e catequização dos povos nativos. A primeira prova foi o talento marítimo de Portugal; a segunda prova, a carta de Pero Vaz de Caminha; e aqui temos mais uma: a vocação dos jesuítas para ensinar essas pobres almas.



Oscar Pereira da Silva - Fundação da Cidade de São Paulo, Acervo do Museu Paulista da USP.



Militão Augusto de Azevedo - Igreja e Convento do Colégio, 1862.

ATIVIDADES

1. Reescreva e explique os dizeres de D. João acerca da missão de Portugal.
2. Como os jesuítas catequizaram os índios?
3. O que era o Padroado?
4. Cace as palavras de acordo com o texto relacionado aos jesuítas.

ANCHIETA JESUÍTAS NÓBREGA REDUÇÕES VOCAÇÃO

T	H	N	R	E	D	U	Ç	Õ	E	S	D
A	R	D	I	U	T	E	T	V	A	N	N
T	R	U	C	S	D	S	O	N	A	I	S
P	T	N	I	T	R	C	E	U	C	O	T
C	N	A	C	E	A	W	O	E	A	A	T
W	O	U	W	Ç	T	T	A	W	O	M	A
C	L	Y	A	T	L	E	G	D	U	U	M
Y	N	O	B	R	E	G	A	G	M	M	S
J	E	S	U	I	T	A	S	M	W	T	T
S	E	A	N	C	H	I	E	T	A	I	B
E	N	P	T	A	N	H	F	U	H	C	I
S	W	N	V	L	T	O	C	E	E	O	S

5. O que eram as Reduções Jesuíticas?



AULA 05

A INQUISIÇÃO E SUAS PRÁTICAS

O PERÍODO MEDIEVAL



O tempo da Inquisição, assim como das Cruzadas, é o período mais distorcido da História da Igreja. Infelizmente, os períodos em que a Igreja brilhou, são taxados com as palavras “ignorância”, “cegueira científica” e “idade das trevas”, para designar o período medieval onde se encontra a Inquisição. Mas na verdade, esse período significou uma grande evolução no Direito e na Justiça, e formou vários Santos que fizeram parte do processo.

A Idade Média compreende o período entre a queda do Império Romano do Ocidente (476) e a queda da cidade de Constantinopla (1453). No início desse período, a Igreja formou e evangelizou os chamados “bárbaros”, homens violentos que invadiram o Império Romano. Dentre esses povos estavam francos, anglos, saxões, bretões, normandos e vários outros.

Esses homens violentos foram, aos poucos, sendo convertidos ao catolicismo e mudando de uma vida violenta e pagã para uma vida de piedade e virtude, pelo menos buscavam. O ponto alto dessa busca se encontra na conversão de Clovis I, rei dos francos, batizado por São Remígio, em 496. Esse fato comprova que os bárbaros estavam se convertendo à verdadeira fé.



Clóvis



A conversão de Clóvis, rei dos Francos - Cléofas

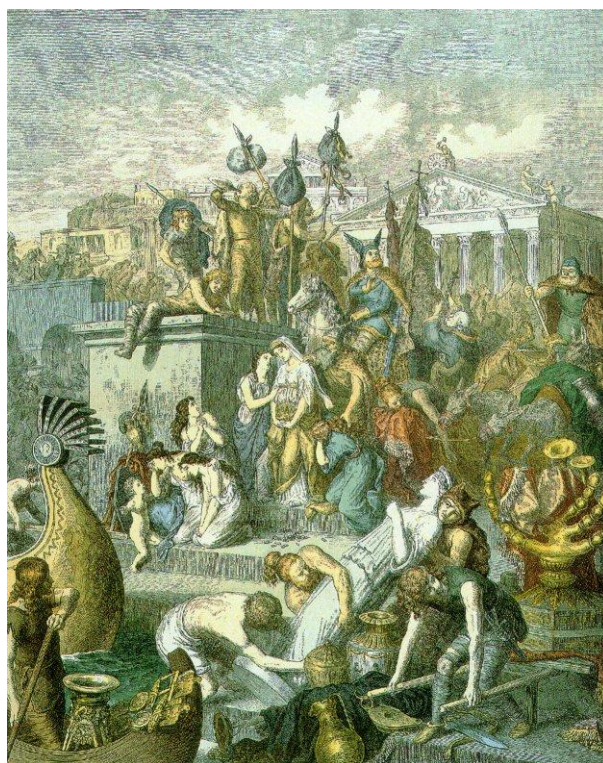
Esse período da História estabelece a grande importância da fé para os bárbaros. Carlos Magno, um grande imperador do reino francês, que governou no ano 800, fundou diversas instituições de ensino junto à Igreja; educação baseada no estudo das Sagradas Escrituras, da Filosofia e da Teologia, além do Direito Romano.

A INQUISIÇÃO

A Inquisição, como já foi dito, é um assunto bastante distorcido pelos estudiosos mal-intencionados da modernidade. Os padres estudavam Filosofia e Direito. Não um estudo vago. Os sacerdotes muitas vezes ocupavam cargos jurídicos nos reinos.

Já no início do cristianismo houve várias interpretações erradas; essas interpretações, contrárias à doutrina da Igreja, são chamadas de heresias; podem ser contrárias às Sagradas Escrituras, contra a divindade de Cristo e contra a Imaculada Conceição. Essas ideias erradas, levaram vários Santos à batalhas espirituais e sociais árduas. São Nicolau, por exemplo, lutou contra o arianismo no século IV, uma heresia que não acreditava que Cristo era Deus encarnado, mas só um filho como todo mundo.

Casos de heresias sempre houve na Igreja, desde o início; o homem, devido ao pecado, distorce a verdade e propaga ao próximo. Em muitos momentos, o trato com as heresias era feito por nobres ou por reis. O grande problema é que vários ímpetos bárbaros permaneciam naquela sociedade, mesmo cristianizada. A pena de morte muitas

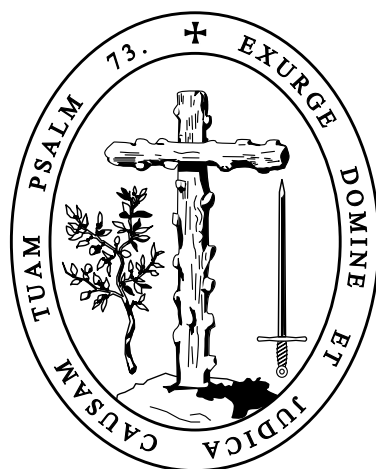


Saque de Roma pelos Vândalos, em 455, por Heinrich Leutemann.

vezes não era a pior; havia torturas, como andar sobre brasas, e várias atrocidades, e, por fim, a famosa fogueira.

Portanto, mesmo com a cristianização, os bárbaros mantinham atos violentos, mesmo em defesa da fé. Um caso aconteceu em 1144: o bispo Adalberto II havia prendido alguns hereges, o povo invadiu a prisão e levou os hereges para a fogueira.

Por isso, no segundo e no terceiro Concílios de Latrão (1139, 1179), foi criado um tribunal para julgar as almas. Esses tribunais, chamados de Tribunais do Santo Ofício, visava descobrir hereges e combatê-los em conjunto com o reino, já que este sozinho, por mais que tivesse uma fé vigorosa, não possuía a capacidade de justiça divina como a Igreja possuía. Vários Santos apoiaram essa causa, como São Bernardo e São Roberto Belarmino.



Emblema da Inquisição (1571). A cruz simboliza o "carácter espiritual" da Inquisição; o ramo de oliveira simboliza a graça e a espada o castigo. A inscrição em latim significa: "Levanta-te, Senhor, e julga a tua causa"

ATIVIDADES

1. Explique a reação dos bárbaros ao cristianismo.
2. Explique o que eram as heresias e porque a Igreja as combateu.
3. Identifique a reação dos Reis para com as heresias.
4. Explique o que levava os Reis e os nobres a cometerem práticas violentas, mesmo sendo cristãos.
5. Identifique os objetivos do Tribunal da Santa Inquisição e cite alguns exemplos de Santos que dele participaram.



AULA 12

OS SANTOS E SUAS OBRAS DE CARIDADE

A CARIDADE COMO PRINCÍPIO DO AMOR



risto nos ensinou em inúmeras passagens das Sagradas Escrituras, sobre o amor ao próximo, sobre a caridade e sobre o sacrifício. A vida do cristão deve ser sempre de amor e caridade que leva ao sacrifício pelo outro, nunca uma vida mesquinha e egoísta.

Na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, o Santo autor deixa claro o papel do amor e da caridade “A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante.” (1 Cor 13, 4). A caridade não pressupõe segundas intenções, ou busca por oportunidades de ganhar algo em troca.



São Thomas Moore

Nosso Senhor, que muitas vezes expõe os problemas de sua época, revelava que em



São Francisco de Assis

muitos casos os fariseus não estavam preparados para amar, já que estavam a todo momento preocupados com as leis. Podemos perceber no evangelho de São Mateus, que Nosso Senhor manda que amemos os inimigos. Podemos perceber isso na vida de São Thomas Moore.

São Thomas Moore foi conselheiro pessoal do rei Henrique VIII entre 1529 e 1532. Quando o rei decidiu rejeitar a Igreja, São Thomas Moore permaneceu fiel a ela. O Santo foi humilhado, perdeu suas posses, foi martirizado e mesmo assim permaneceu fiel a Cristo. Além disso, pediu que rezassem pelo rei e pela Inglaterra, mesmo estes se

esquecendo do grande homem que era São Thomas Moore.

Outro exemplo de grande Santo foi São Francisco de Assis, que ajudou os pobres e as pessoas doentes. Na Regra de São Francisco, está bem claro o auxílio e o servir aos enfermos e aos mais necessitados.

Devemos entender a seguinte premissa: a caridade não consiste apenas na doação de bens materiais e esmolas, mas essas atitudes fazem parte da caridade. A caridade é o amor sem a imposição de condições, é servir ao outro sem olhar para aquilo que o outro faz, ou julgá-lo; mais do que isso, a caridade é olhar para o outro como Cristo olharia, com mansidão e afeto.

Vejamos mais um exemplo: São Camillo de Lellis, conhecido como patrono dos enfermos. Viveu entre 1550 e 1614; sofria de uma úlcera no pé que o impediu de se tornar franciscano, mas ao longo de sua vida buscou sempre ajudar e socorrer os enfermos; criou inclusive uma Irmandade para tal atividade que foi reconhecida pelo Papa e prestava socorro físico e espiritual.

Portanto, a caridade se baseia no amor; este por sua vez no sacrifício, até mesmo da própria vida, como veio a acontecer com Cristo, com os mártires, São Thomas More e Santa Joana d'Arc. Amar a Cristo, amar aquilo que Deus criou e se sacrificar caso seja necessário, esse é o dever primeiro do cristão. Jesus curou diversas enfermidades. E depois o rejeitaram e o crucificaram. Amar e amar sempre.



Cardeal Henrique Beaufort interrogando Joana d'Arc na prisão e Joana d'Arc sendo queimada viva.

ATIVIDADES

1. Qual o ensinamento que Cristo nos deixou acerca do amor?
2. Como a história de São Thomas More pode nos ajudar a compreender o amor aos inimigos?
3. Como a história de São Camillo de Lellis pode nos ajudar a compreender a caridade para com os necessitados?



AULA 16

OS DESAFIOS DA IGREJA NO SÉCULO XX

CONTEXTO GERAL DO SÉCULO XX



século XX foi um dos séculos mais complicados da história mundial: tivemos grandes epidemias, incontáveis guerras, duas guerras mundiais, guerras civis, nascimento e desenvolvimento de vários regimes que lutaram contra a fé católica e mortes.

O século XX começa no ano 1901 e se estende até o ano 2000, esses 100 anos serão de extrema intensidade para todos os povos do mundo em vários sentidos. Jamais na História tantos acontecimentos em tão poucos anos, e, ao mesmo tempo, muita destruição, tanto intelectual quanto espiritual. Portanto, se foi um século de extrema intensidade real, muitos conflitos espirituais e físicos, devemos concluir, por óbvio, que a Igreja Católica estava em todos eles.

No início do século XX a Europa passava por um período excelente de desenvolvimento econômico e tecnológico, porém, também, um desenvolvimento armamentista, considerando que dentro de pouco tempo haveria conflitos armados. Dessa forma, os países estavam sedentos por tomar locais estratégicos de povos vizinhos e, acima de tudo, a ganância e a sede por poder tomaram conta da mentalidade do período.

Em 1914 ocorre o assassinato do arquiduque austro-húngaro, Franz Ferdinand. Com esse acontecimento, tem início a Primeira Guerra Mundial. A guerra não foi deflagrada apenas pela morte do nobre, pois já existia muita rivalidade entre os países por causa de territórios.



Papa Bento XV

O início da guerra fez com que o Papa da época, Bento XV, escrevesse a **Ad Beatissimi Apostolorum**, encíclica implorando pela paz no mundo. Uma guerra, devemos entender, não envolve apenas combatentes, mas toda a população, a civil; muitas

peças inocentes morreram, e morreram sem Sacramentos. A salvação da humanidade estava em perigo e o poder temporal, que há muito havia deixado de lado o espiritual, não compreendia.

A guerra acabou em 1918, com uma quantidade de 10 milhões de mortos e 21 milhões de feridos. O Papa Bento XV publicou outra encíclica com o título **Quod Iam Diu**, que celebrava a paz e pedia sabedoria aos políticos para manterem a paz.

Entretanto, as forças do mal continuaram agindo em prol da destruição da humanidade e houve um conflito muito mais destrutivo, uma Segunda Guerra Mundial entre 1939 e 1945. Esse conflito, diferente do primeiro, tinha raízes extremamente profundas, relacionava-se com a história dos países, uma luta contra as novas formas de enxergar o mundo, o estabelecimento de doutrinas perniciosas em países como a Rússia. Além disso, esse conflito foi avisado por Nossa Senhora em Fátima em 1917.

Em 3 de março de 1939, o Papa Pio XII, através de uma mensagem radiofônica intitulada **Dum Gravissimum**, expôs as suas preocupações a respeito da paz. A Segunda Guerra só teve início em 1 de setembro de 1939, mas a Alemanha já colocava a paz em risco dominando algumas regiões estratégicas.

Na encíclica **Summi Pontificatus** o Papa, através de um documento oficial, expressava suas agonias e sofrimentos pela perda dos princípios morais cristãos com a guerra, o avanço do paganismo, a morte e o esquecimento de Deus. O pontífice, como pai, manifestou a preocupação com as almas da mesma forma que Bento XV na Primeira Guerra.

O Papa Pio XII ficou injustamente conhecido como um Papa covarde. A Igreja não pode manifestar apoio a nenhuma nação ou partido, por isso, ela deve se manter neutra, sendo que seu maior trabalho é também o mais honroso, a defesa da vida, não importa qual. O Papa ficou conhecido por proteger a vida daqueles que pediam asilo.

A Segunda Guerra Mundial foi o conflito que mais matou, de forma violenta, em toda História. No total foram mais de 200 milhões de pessoas que perderam suas vidas.

Além de todos os problemas com as incontáveis guerras, no século XX, a Igreja teve problemas com o secularismo, o paganismo, as ideias perniciosas do nosso tempo e os cismas.



Para Pio XII

ATIVIDADES

1. O que desencadeou a Primeira Guerra Mundial?
2. Cite algumas características do século XX.
3. Sobre o que nos fala a carta **Ad Beatissimi Apostolorum**?
4. Identifique o objetivo das duas mensagens do Papa Pio XII.
5. Quais problemas o Papa identificou no século e que estão expostos na encíclica **Summi Pontificatus**?



AULA 17

O CONCÍLIO VATICANO II E SUAS MUDANÇAS NA TRADIÇÃO

O QUE FOI O CONCÍLIO VATICANO II?



Igreja sempre foi mãe e sempre esteve junto aos seus filhos na pessoa dos sacerdotes, sempre foi inspiração e influência para uma civilização melhor, mais justa, mais equilibrada e mais temente a Deus.

Infelizmente, após determinados acontecimentos na história do mundo, como o Renascimento Cultural, a Revolução Protestante e a Revolução Francesa, o homem começou a não acreditar mais na Igreja, nem no Papa e nem nos sacerdotes, e a não mais ouvir a voz de Deus.

[...] “É o cardeal Suenens exclamando: ‘o Vaticano II, é o 1789 na Igreja’[...] ‘O Concílio Vaticano II marcou o fim de uma época; se recuarmos, um pouco que seja, nosso olhar, veremos que ele marcou mesmo o fim de uma série de épocas, o fim de uma era’[...]

[...] Em 1976, o Pe. Gelineau testemunhou: ‘A reforma decidida pelo segundo concílio do Vaticano



A abertura do Concílio Vaticano II

deu o sinal do degelo[...] lances inteiros de muralha desabam[...] Que não haja engano a respeito: traduzir não é dizer a mesma coisa com outras palavras. É mudar a forma[...] Se as formas mudam, o rito muda. Se muda um elemento, a totalidade significativa é modificada[...] É preciso dizer sem meias palavras: o rito romano tal como nós o conhecemos não existe mais. Foi destruído.’ [...] Os católicos liberais estabeleceram verdadeiramente um estado revolucionário[...] (Eis o que diz um deles, a seguir) ‘Lutamos durante um século e meio para fazer prevalecer nossas opiniões no interior da Igreja e não

tivemos êxito. Enfim chegou o Vaticano II e triunfamos. Doravante as teses e os princípios do catolicismo liberal foram definitiva e oficialmente aceitos pela Santa Igreja’[...]

Os erros e os falsos princípios do homem moderno penetraram na Igreja e contaminaram o clero, graças a Papas liberais e ao favor do Vaticano II... (Um dos Bispos tradicionais disse o que vem a seguir) ‘Eu reconhecia que se impunha uma renovação para pôr fim a certa esclerose que provinha do fato de se haver cavado um fosso entre a oração, presa nos limites dos lugares de culto, e a ação, a escola, a profissão, a cidade.’ [...] (o mesmo continua) ‘Tudo estava preparado para a data anunciada e, a 11 de outubro de 1962, os padres conciliares tomavam lugar na nave da Basílica de São Pedro, em Roma. Mas houve um acontecimento que não tinha sido previsto pela Santa Sé: o Concílio, desde os primeiros dias foi invadido pelas forças progressistas. Nós o experimentamos, sentimos, e quando digo “nós”, eu entendo a maioria dos padres do Concílio naquele momento. Tivemos a impressão de que se passava alguma coisa de anormal, e essa impressão se confirmou rapidamente: quinze dias após a sessão de abertura, não restava mais nenhum dos esquemas antecipadamente preparados. Tudo havia sido recusado, rejeitado, lançado ao cesto[...] Problema árduo: imaginem Bispos chegando de todos os países do mundo e encontrando-se bruscamente juntos no recinto conciliar. Na maior parte, eles não se conheciam, conheciam três ou quatro colegas, alguns outros só de nome, entre 2.400 que lá estavam. Como poderiam saber quais eram os padres aptos a fazer parte da comissão do sacerdócio, da liturgia, do direito canônico, etc.? ... O resultado foi que as comissões foram formadas por membros pertencentes, em dois terços, à fração progressista ... O Concílio, desde esse momento, estava orientado ... Os liberais formavam uma minoria, mas uma minoria atuante, organizada, apoiada por uma plêiade de teólogos modernistas dentre os quais se encontravam todos os nomes que não cessaram de mandar e desmandar [...] Os instigadores desse movimento estavam em condições favoráveis de exigir instantaneamente a adaptação da Igreja ao homem moderno, ou seja, ao homem que quer libertar-se de tudo. Eles apontavam o dedo dizendo de uma Igreja esclerosada, inadaptada, impotente [...] Os católicos eram apresentados como tão culpados pelas divisões de outrora como os protestantes e os ortodoxos: deviam pedir perdão aos “irmãos separados” presentes em Roma, onde esses tinham sido convidados em grande número a participar dos trabalhos [...] A Igreja da Tradição era culpada de suas riquezas, de seu triunfalismo, os padres do Concílio se sentiam culpados de estar fora do mundo, de não ser do mundo; eles já se envergonhavam de suas insígnias episcopais, em breve eles se envergonhariam mesmo de aparecer de batina ... A liberdade religiosa, o ecumenismo, a pesquisa teológica, a revisão do direito canônico, atenuariam o triunfalismo de uma Igreja que se proclamava a única arca da salvação [...]

[...] O Vaticano II é um concílio pastoral; João XXIII o disse, Paulo VI o repetiu...

[...] o padre Schillebeckx o confessou: “Nós introduzimos termos equívocos no concílio e sabemos o que daí tiraremos depois”. Essas pessoas sabiam o que faziam. Todos os outros Concílios que ocorreram no decurso dos séculos foram dogmáticos. Todos

combateram erros. Ora, sabe Deus se havia erros a combater em nosso tempo! Um concílio dogmático teria sido dos mais necessários. Eu me lembro do Cardeal WYszinsky a dizer-nos: 'Façam um esquema sobre o comunismo; se há um erro que é grave hoje e que ameaça o mundo, é certamente ele. Se o Papa Pio XI pensou dever escrever uma encíclica sobre o comunismo, seria igualmente bem útil que nós, aqui reunidos em assembleia plenária, consagrássemos um esquema a essa questão'. O comunismo, o erro mais monstruoso que jamais saiu do espírito de Satanás, tem suas entradas oficiais no Vaticano, sua revolução mundial é singularmente facilitada pela não resistência oficial da Igreja, e mesmo pelos apoios frequentes que nela encontra, apesar das advertências desesperadas dos cardeais que sofreram as masmorras dos países do Leste. A recusa desse concílio pastoral em condená-lo solenemente basta sozinha para cobri-lo de vergonha diante de toda a história; quando se pensa nas dezenas de milhões de mártires, nos cristãos e nos dissidentes despersonalizados cientificamente nos hospitais psiquiátricos, utilizados como cobaias para as experiências. E o concílio pastoral se calou. Tínhamos obtido 450 assinaturas de bispos em favor de uma declaração contra o comunismo. Elas foram esquecidas numa gaveta[...] Eu vivi esses fatos. Fui eu que havia levado as assinaturas a Monsenhor Felici, secretário do concílio, em companhia de Dom Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, e sou obrigado a dizer que aconteceram coisas inadmissíveis. Não o faço para condenar o concílio e não ignoro que isso influencie na perplexidade de muitos católicos [...]

[...] Portanto, o Vaticano II não é um concílio como os outros e é por isso que nós temos o direito de julgá-lo, com prudência e reserva. Eu aceito no concílio e nas reformas tudo o que está em plena concordância com a Tradição [...] As rebeliões de clérigos, as contestações da autoridade pontifícia, todas as extravagâncias da liturgia e da nova teologia, o esvaziamento das igrejas, nada teriam então a ver com o concílio como se afirmou ainda bem recentemente? Ora essa! Tudo isso é fruto dele [...]

[...] Eu compreendo, ao dizer isso, que não faço senão aumentar [...] sua perplexidade. E não obstante, nessa balbúrdia brilhou uma luz, capaz de reduzir a nada os esforços do mundo para levar a cabo a destruição da Igreja de Cristo: O Santo Padre proclamou a 30 de junho de 1968 sua profissão de fé. É um ato que, do ponto de vista dogmático, é mais importante que todo o concílio.

Esse Credo, redigido pelo sucessor de Pedro para afirmar a fé de Pedro, revestiu-se de uma solenidade absolutamente extraordinária. Quando ele se levantou para pronunciá-lo, os cardeais também se levantaram e toda a multidão quis imitá-los, mas ele fez



Papa Paulo VI

sentarem-se todos de novo; queria ser o único, na qualidade de Vigário de Cristo, a proclamar seu Credo, e o fez com as palavras mais solenes, em nome da Santíssima Trindade, diante dos santos anjos e de toda a Igreja. Por conseguinte, ele praticou um ato que engaja a fé da Igreja.

‘Temos assim essa consolação e essa confiança de sentir que o Espírito Santo não nos abandonou. Pode-se dizer que a arca da fé, tomando seu ponto de apoio no concílio Vaticano I, reencontra um novo ponto de apoio na profissão de fé de Paulo VI.’

“Eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

Mt 16, 18

Portanto, a ideia do concílio não foi um problema, o problema passou a ser a abordagem de padres e bispos.

O ecumenismo é a aceitação de outras crenças, como o protestantismo e o hinduísmo. Esse tipo de pensamento aceita que as outras crenças tenham traços do divino. Essa afirmação vem de um documento intitulado *Unitatis Redintegratio*, escrito pelo Papa Paulo VI.

Não podemos afirmar que Deus não está presente em toda a realidade, e que o Espírito Santo não está agindo na humanidade. E só podemos evangelizar essas pessoas conhecendo-as, inclusive sua cultura, crenças e história. Mas devemos afirmar, veementemente, que apenas dentro da Igreja Católica existe salvação, e que quem não a aceita corre sérios riscos de condenação.



Basílica de São Pedro durante as sessões conciliares

Por isso, a Tradição jamais deixou de conhecer outras culturas ritualísticas, como o exemplo do Padre José de Anchieta que aprendeu a língua indígena para catequizá-los, mas que em momento algum aceitou suas crenças como parte de algo sagrado.

ATIVIDADES

1. Quando aconteceu o Concílio Vaticano II?
2. O que é o ecumenismo?
3. O que precisaria ter sido condenado pelo Concílio Vaticano II?
4. Qual deve ser a relação da Igreja com outras crenças?



AULA 21

OS MÁRTIRES E A DEFESA DA FÉ NA AMÉRICA LATINA

O MARTÍRIO E A DEFESA DA FÉ COM A PRÓPRIA VIDA



Quão grande é a vida de uma pessoa que entregou sua vida em defesa da fé, da Igreja e do Cristo. Que maravilha ter em nosso meio um Santo que não mediu esforços para viver a santidade, a cruz, buscar sempre o céu e se preciso for, se sacrificar como Cristo fez e faria quantas vezes forem necessárias.

Na América Latina temos grandes exemplos de Santos que chegaram ao martírio ainda jovens, padres, leigos, religiosos, casais, todos com o mesmo objetivo: alcançar a pátria celeste. Nosso Senhor disse no evangelho de São Mateus que quem quiser salvar a própria vida, perdê-la-á, mas quem perder a própria vida por amor a Ele, vai encontrar a vida eterna, como dizia, “nunca foi tão fácil”.

SANTOS BRASILEIROS

O Brasil possui seus mártires, que morreram das formas mais violentas possíveis, vários padres e leigos foram ao encontro de Cristo em momentos sacros, como na Santa Missa.

Os portugueses chegaram ao Brasil com um objetivo bem claro, a evangelização dos índios. Esse objetivo foi alcançado graças à evangelização dos padres jesuítas que se esforçaram por salvar as almas. Exemplos não faltam, como o Padre José de Anchieta e o Padre Manoel da Nóbrega.



José de Anchieta pregando o evangelho próximo a uma



Roque González de Santa Cruz

No entanto, no século XVII o império holandês invadiu as terras brasileiras. Os holandeses receberam apoio de várias tribos indígenas para concretizarem sua invasão.

Havia vários padres jesuítas naquela região, viviam suas vidas com medo, devido à invasão holandesa, mas não pararam de rezar e celebrar o Sacrifício de Cristo. O Padre André de Soveral morreu junto de seus fiéis celebrando a Santa Missa.

Outros padres e leigos foram mortos em outras ocasiões. O exemplo que ocorreu na região sul do Brasil, do Padre Roque Gonzalez e seus companheiros mártires que foram assassinados a sangue frio por índios feiticeiros devido ao grande trabalho de evangelização que esses empreenderam.



Ruínas de São Miguel

A GUERRA DOS CRISTEROS

A guerra dos Cristeros foi uma guerra que ocorreu no México entre 1926 e 1929.

Os Estados da América Latina estavam conquistando sua independência. Alguns caminharam para uma monarquia, como foi o caso do Brasil, para depois se tornarem repúblicas, o grande problema é que a República, na história mundial, é conhecida pelo seu anticlericalismo e anticatolicismo.



Exército da União Popular Cristera.

Com a revolução liberal encabeçada pelo general Venustiano Carranza (1859-1920) a recém república do México passou a viver numa onda laicista muito intensa. A educação

não poderia mais ser religiosa, deveria ser totalmente laica; não poderia rezar missas em locais particulares, apenas nas igrejas; todas as escolas religiosas foram fechadas, como também conventos e seminários. Todas as ordens estavam presentes na constituição de 1917.



General Matías R. Villa.

O presidente Plutarco Elías Calles (1924-1928) tornou a situação mais difícil para a vivência religiosa. Proibiu o uso de vestes religiosas e sacerdotais, sancionou multas e prisões para quem desobedecesse. O Papa Pio XI se manifestou na encíclica *Iniquis Afflictisque*, onde ele manifesta sua tristeza e descontentamento com as nações que fazem silêncio perante a violência da república,

além de expressar seu apoio à luta dos pobres camponeses.

Os camponeses, pessoas pobres e devotas, decidiram se revoltar contra essa reunião de absurdos chamada *Constituição dos Estados Unidos do México*. A revolta dos camponeses foi justa. Para se defenderem, decidem pegar em armas e se protegerem do inimigo que agia em nome de satanás.

Nessa guerra, temos heroísmos, devoção, batalha espiritual, uma batalha digna de estar nos livros de história de todas as escolas. A história do grande menino, José Sanchez, que foi martirizado com apenas 15 anos, o grande grito de guerra dessa empreitada “viva Cristo Rei, viva a Santíssima Virgem de Guadalupe, viva o México”.



José Luís Sánchez Del Río

ATIVIDADES

1. Pesquise um exemplo de Santo que morreu jovem e que lutou pela Igreja.
2. Qual a importância dos padres jesuítas no Brasil?
3. O que causou a guerra cristera no México?
4. Explique a importância dos Santos e de José Sanchez.



AULA 25

O TRABALHO E A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

OS IDEAIS TRABALHISTAS

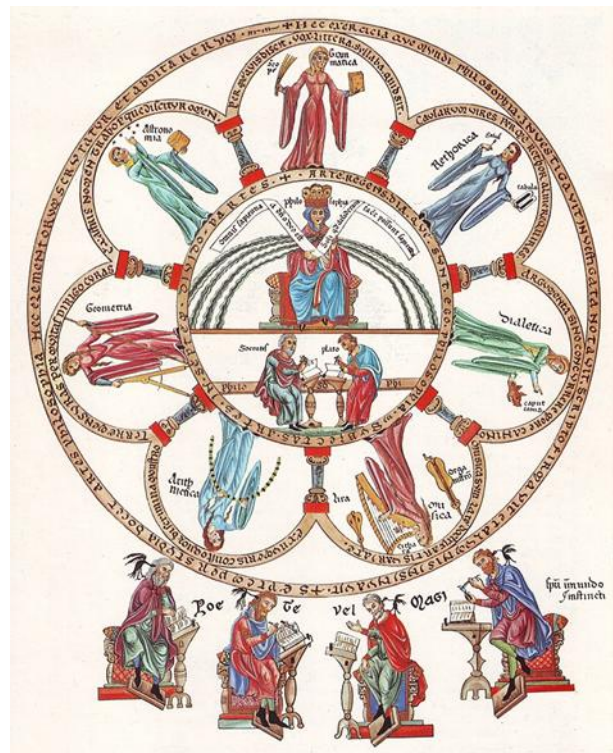
Desde a Antiguidade, encontramos na sociedade uma divisão entre as pessoas que ocupam seu tempo com coisas práticas: trabalhadores, artistas e camponeses; e pessoas que ocupam seu tempo com o conhecimento, como intelectuais. Isso permaneceu até fins da Idade Média.

Por volta do século XII, ocorreu o Renascimento urbano e comercial, movimento em que as pessoas saíam dos campos para as cidades para encontrar melhores condições de vida. Com isso, houve uma explosão de profissões na cidade, novas realidades surgiram e novas formas de enxergar o mundo. Nesse período, a Igreja

Católica começa a perder sua influência no mundo, muito devido ao surgimento de um novo grupo, a burguesia.

A burguesia era um grupo que se desenvolveu muito na Idade Média, porém, não fazia parte da realidade católica porque era contra a sua doutrina.

No fim da Idade Média, começaram a surgir as corporações de ofício, grupos de homens que exerciam diversas



Filosofia e as Sete Artes Liberais ("Filosofia das Sete Artes Liberais"). De Herrad de Landsberg apresenta a obra do Jardim das Delícias (século XII).



Representação de uma sapataria do século XVI

atividade práticas, trabalhos como: sapateiros, ferreiros, padeiros e oleiros. Essas corporações visavam proteger algumas profissões e ensinamentos.

Com o Renascimento urbano e comercial do século XII, as Corporações de Ofício e um enfraquecimento da Igreja Católica, começa a surgir o pensamento liberal-revolucionário. Iniciou-se pela religião, com Martinho Lutero, e passando pela política com a Revolução Inglesa, no século XVII, a Revolução Industrial, no século XVIII, e a Revolução Francesa.

Cada uma dessas Revoluções citadas terá a burguesia como grupo principal, até mesmo com Lutero. O grande acontecimento é que aqueles camponeses medievais se tornam operários e os burgueses se tornam os patrões.

A relação entre os trabalhadores e os burgueses nunca foi muito amistosa, sempre era um jogo de interesses e os trabalhadores sempre saíam perdendo. Inicialmente perderam a fé, depois a dignidade e, por último, a própria vida.

Existem relatos de que na Revolução Industrial, um trabalhador exercia seu ofício durante 14 horas, crianças eram obrigadas a trabalhar e também mulheres; não existia chance de aposentadoria ou seguro, caso ocorresse algum acidente. Por isso, inicialmente, os trabalhadores eram explorados.



Uma tipografia do século XV, uma atividade comercial e cultural tipicamente burguesa. Xilografia de Jost Amman, 1568.



Revolução Industrial

No século XIX, o Papa Leão XIII lança uma carta intitulada *Rerum Novarum* em que fica posto que os trabalhadores precisam do emprego para a sua sobrevivência, mas que

os patrões, burgueses, devem dar condições dignas de trabalho e de segurança ao ambiente.

Em suma, a legislação trabalhista vem muitas vezes da observação que os governos e a própria Igreja têm dos trabalhadores e dos burgueses. A situação melhorou bastante com o passar do tempo; foram surgindo leis, conscientizações e o desenvolvimento das realidades.



Coalbrookdale, cidade britânica considerada um dos berços da Revolução Industrial

ATIVIDADES

1. Quais são os dois tipos de ocupações que encontramos na Idade Média?
2. Explique o que foi o Renascimento comercial e urbano.
3. Explique o que eram as Corporações de Ofício.
4. Como eram as condições de trabalho na Revolução Industrial e como a Igreja interveio?



AULA 29

OS DIREITOS HUMANOS E AS VIOLAÇÕES

A RELAÇÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS COM OS DIREITOS HUMANOS



imos que a ditadura militar não foi um acontecimento por acaso, ou sem motivo. Ela teve um motivo e um momento crucial para ocorrer.

As preocupações da sociedade brasileira com a moral, com a religião e com a política deixavam, por assim dizer, “os nervos a flor da pele”; todos estavam apreensivos com os acontecimentos ao redor do mundo. A guerra entre Estados Unidos e Rússia deixava todos apreensivos, ninguém sabia se a raça humana seria extinta com uma guerra que poderia destruir tudo, muitas pessoas construíram bunkers para proteção.

A década de 1960, além de todas essas preocupações, foi o período em que Cuba, um país que fica ao lado dos Estados Unidos, foi para o lado da Rússia. Isso colocava o continente americano em um grande problema, já que o país vizinho decidiu ir para o outro lado. Isso foi extremamente perigoso, e foi justamente nesse período que grandes países do continente americano foram tomados por governos militares, ajudados pelos Estados Unidos.

Portanto, foi um período perturbador da história americana, e existem relatos de que a Rússia mandava espões para o continente americano para poderem encontrar melhores formas de tomarem o



Fidel Castro e membros do Politburo da Alemanha Oriental no Muro de Berlim com o Portão de Brandemburgo ao fundo em 1972

poder. E isso, é claro, incluiu o Brasil.

Essa ideia revolucionária, de acabar com a família, com os bons costumes, com a moral e com a cristandade, assustava a população que, como foi demonstrado em aulas passadas, ia para as ruas realizar protestos e ações antirrevolucionárias. E a suspeita de existirem espiões na política brasileira deixavam todos apreensivos. Além disso, muitos filmes da época retratavam essa questão da espionagem e da sabotagem.

A REAÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS MILITARES



Vladimir Palmeira, o líder do movimento civil, discursando durante a Passeata dos Cem Mil contra a ditadura, em 1968.

Os militares perante toda a situação, resolvem agir e promoveram o golpe militar de 1964, estabelecendo um regime que controlava praticamente tudo o que os revolucionários produziam, canais de televisão, jornais e filmes.

A reação dos revolucionários foi dura, sequestros de políticos, embaixadores e pessoas

influentes, táticas de guerrilha, ou seja, ataques pequenos de emboscadas, sabotagens e terrorismo, entre este, carros-bomba. Era óbvio que o Exército não iria esperar um grande ataque, por isso, a reação das Forças Armadas também foi dura, com prisões, deportações e repressão às manifestações.

Houve violações dos direitos humanos nas duas partes, afinal, foi uma guerra armada.

Mas não devemos cair na narrativa de que os revolucionários eram coitados, não, a maioria estava armada e com más intenções para com a população.

Atualmente, os revolucionários são vistos como coitados ou vítimas da



Manifestação estudantil contra a Ditadura Militar, Rio de Janeiro, setembro de 1966.

História, o que está longe da verdade histórica. A vítima foi a própria sociedade brasileira, que precisou passar por um governo e uma realidade de guerra para não deixar que o Brasil fosse tomado por revolucionários.

ATIVIDADES

1. Como a população se sentia em relação à guerra entre Estados Unidos e Rússia?
2. Explique o problema ocorrido em Cuba.
3. O que os revolucionários queriam ao tomar o poder?
4. Como foi a reação dos militares perante a guerra declarada dos revolucionários?



AULA 34

O SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO

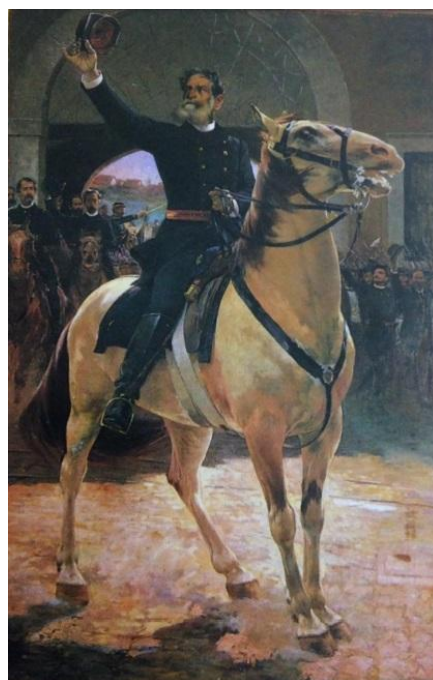
A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL



Brasil já teve diversas organizações políticas, já foi Colônia, Império e República e inclusive já teve ditadura, governos extremamente opressores. Esse tipo de inconstância política deixa o Brasil em um constante estado de insegurança política, econômica e social, em poucas palavras, a população não confia nos políticos.

Quando a população não tem confiança em seus chefes de Estado, é porque o sistema político está beirando a falência. Esse foi o processo gerado pelo regime militar no Brasil, um estado em que a população em geral já não confia em seus governantes. Em locais onde aconteceu essa insatisfação, a civilização beirou o colapso, tudo acabou, estátuas e monumentos de líderes foram destruídas e tudo que representava a insatisfação, foi por terra. Um exemplo clássico dessa situação foi Roma.

No Brasil, a insatisfação é grande, está em processo de falência; historicamente, isso pode ser notado. O Brasil, logo após sua independência, em 1822, se tornou um Império. Tudo era muito bem definido: o Imperador exercia o Poder Moderador, cuja função era apaziguar possíveis desentendimentos entre os outros poderes.

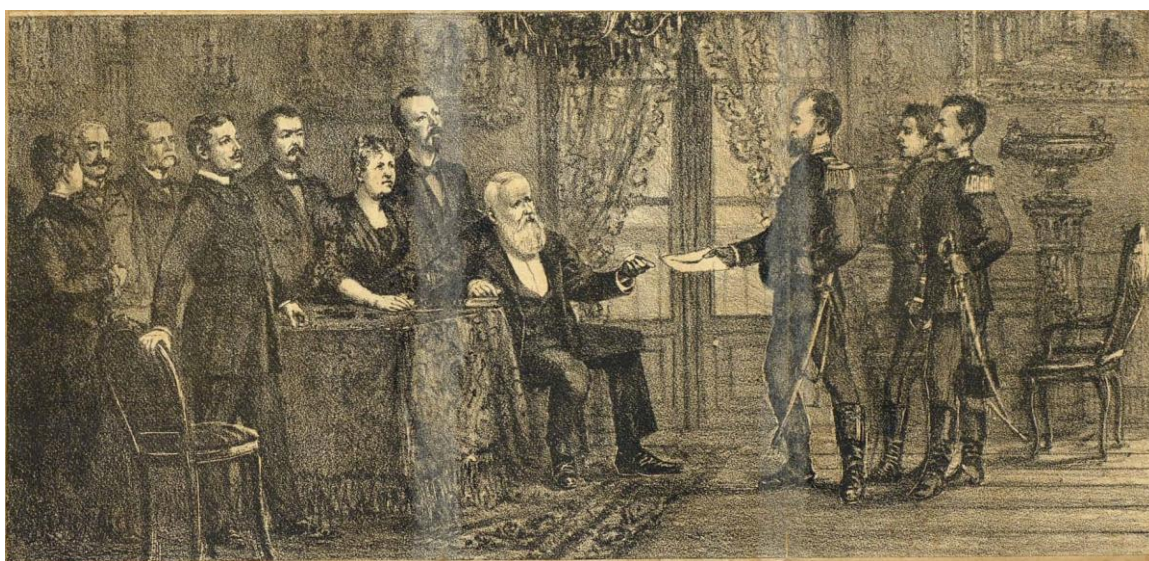


Na imagem, o presidente do Brasil, marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891). Tela de 1890, conservada na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, RJ.



O Imperador Dom Pedro I era visto como herói por ter pensado o processo de independência. Ele tinha a postura de homem respeitável e de um governante que sabia seus deveres para com o povo. Seu filho, Dom Pedro II, que governou de 1841 a 1889 também teve forte senso de dever, sabia seu papel como Imperador.

Entretanto, em 15 de novembro de 1889, aconteceu a Proclamação da República, um golpe militar em que Dom Pedro II foi expulso do Brasil e o sistema brasileiro sofreu uma grande perda. Os militares bem que tentaram refazer a estrutura, mas, infelizmente, ela é falha, nasceu de algo ilegítimo, um golpe.



Antes, o Imperador existia justamente para moderar os poderes existentes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário; ele controlava todo o sistema político. Com a República esse poder deixou de existir. Se algum poder quiser se sobressair aos outros, deve fazer isso por meio da força ilegítima, coisa que já aconteceu várias vezes durante a República brasileira.

Atualmente, o poder Executivo é exercido pelo presidente, seus ministros, os governadores e prefeitos e seu papel é fazer valer a lei; o poder Legislativo é exercido pelos deputados, senadores, vereadores e tem por função criar e aprovar leis; já o poder Judiciário é exercido por juízes, advogados da União, promotores e procuradores; o dever desse poder é fazer julgar as leis de acordo com cada situação necessária. Nesse caso, eles seguem a **jurisprudência** que é a interpretação da lei criada pelo poder Legislativo. Esses poderes, dentro de uma monarquia, são chefiados pelo rei, mas em uma República eles têm que manter um equilíbrio que muitas vezes não existe. Vemos hoje no Brasil, por exemplo, uma ditadura do poder Judiciário, onde nem o poder executivo, nem o poder Legislativo têm poder como o Judiciário.

Esse tipo de excesso de poder em algum dos poderes gera, exatamente, a insatisfação mencionada no início da aula.

ATIVIDADES

1. Quais as consequências da insegurança na política?
2. Como era a estrutura de governo na Monarquia?
3. Explique o que ocorreu em 15 de novembro de 1889.
4. Baseado no texto, explique os problemas políticos do sistema republicano.
5. Quais são os poderes presentes na política brasileira?